

A publicação de livros de autoria feminina na Livraria Leite Ribeiro

The publication of books by women in Leite Ribeiro Bookstore

Gabriele Maris Pereira Fenerick

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

1922 foi um ano de grande movimento na Livraria Leite Ribeiro, devido a diversos fatores, entre os quais a emergente modernidade e os modernismos dela consequentes. Nesse cenário, mais especificamente entre 1917 e 1929, a Editora Livraria Leite Ribeiro publicou, além de uma variedade de livros de autoria masculina, livros de ficção de quatro autoras: Iracema Guimarães Vilela; Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos; Júlia Lopes de Almeida e Augusta Franco. No sentido de fundamentar uma análise sobre as obras de autoria feminina publicadas pela editora, este artigo apresenta a trajetória da Editora Livraria Leite Ribeiro por meio de uma análise fundamentada nos conceitos de *campo literário*, *habitus* e *capital*, de Pierre Bourdieu, de forma que seja possível identificar em que circunstâncias as obras escritas por aquelas mulheres foram publicadas. Em conclusão, o interesse da Editora Livraria Leite Ribeiro pela publicação de livros de autoria feminina, que se fundamenta no capital simbólico de Leite Ribeiro, pode ser considerado, por si só, uma característica moderna da Editora, já que a situa no campo literário do começo do século XX, constituído por novas referências artísticas e intelectuais, como os livros escritos por essas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE

Autoria feminina. Modernismos. Livraria Leite Ribeiro. Campo literário.

ABSTRACT

1922 was a period of great movement at Livraria Leite Ribeiro, due to several factors, among which the emerging modernity and its consequent modernism. In this scenario, more specifically between 1917 and 1929, Editora Livraria Leite Ribeiro published, in addition to a variety of books by men, fiction books by four authors: Iracema Guimarães Vilela; Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos; Júlia Lopes de Almeida and Augusta Franco. To base an analysis on the works of female authorship published by the publisher, this article presents the trajectory of Editora Livraria Leite Ribeiro through an analysis based on the concepts of literary field, habitus and capital, by Pierre Bourdieu, so that it is possible to identify under what circumstances the works written by those women were published. In conclusion, Editora Livraria Leite Ribeiro's interest in publishing books by women,

Gabriele Maris Pereira Fenerick

Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tem experiência em docência de ensino superior no ensino de representação descritiva, metodologia da pesquisa científica e literatura infanto-juvenil. Desenvolve, atualmente, pesquisa de doutorado sobre os livros de autoria feminina publicados pela Editora Livraria Leite Ribeiro, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Literatura, história e crítica. <https://orcid.org/0000-0002-7080-5889>

Recebido em:
28/07/2022

Aceito em:
15/09/2023

NOVEMBRO/ 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 19-32

which is based on the symbolic capital of Leite Ribeiro, can be considered, in itself, a modern characteristic of Editora, since it places it in the literary field at beginning of the 20th century, constituted by new artistic and intellectual references, such as the books written by these women.

KEYWORDS

Female authorship. Modernism. Livraria Leite Ribeiro. Literary field.

1. Introdução

O ano de 1922 foi um período de grande movimento na Livraria Leite Ribeiro, devido a diversos fatores, entre os quais a emergente modernidade e os modernismos dela decorrentes. Para Velloso (2010), o movimento modernista, em toda sua amplitude geográfica, teve um “caráter visceralmente social”, pois artistas e intelectuais se mobilizaram para participar. Nesse contexto, a autora destaca a mudança nos padrões civilizatórios, em consequência de acontecimentos históricos que ocorreram entre 1870 e 1945 e que geraram diversas transformações, como novas linguagens e expressões artísticas, dispostas pelos modernismos a partir de novas referências artísticas e intelectuais e da releitura de antigas ideias que também contribuíram para esta eclosão, como Marx (1848) e Darwin (1859) (VELLOSO, 2010). A nomenclatura utilizada pela autora, *modernismos*, sugere que, de forma concomitante ao desenvolvimento da modernidade daquele tempo, o modernismo foi formado a partir da pluralidade artística produzida entre o fim do século XIX e começo do XX, e que a ênfase dada pela história da literatura ao contexto paulista da década de 1920 fez com que parnasianos, decadentistas, simbolistas e regionalistas e escritores de outros estilos tivessem suas características negligenciadas, se classificados como um grupo “pré-modernista” (VELLOSO, 2010).

Nesse cenário, mais especificamente entre 1917 e 1929, a Editora Livraria Leite Ribeiro publicou livros de ficção de quatro autoras: Iracema Guimarães Vilela, sob o pseudônimo masculino de Abel Juruá; Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, sob o pseudônimo de Chrysanthème; Júlia Lopes de Almeida e Augusta Franco. Entre essas obras, apenas a de autoria de Iracema Guimarães Vilela, *Nhonhô Rezende*, e uma das sete de Chrysanthème, *Flores Modernas*, foram publicadas anteriormente a 1922, ou seja, antes da Semana de Arte Moderna. Chama a atenção, nesses textos, que as personagens principais das obras às quais tive acesso até o presente momento¹ retratam o cotidiano da mulher moderna daquele tempo, seja por meio da representação de mães, donas de casa, mulheres idosas, jovens, casadas, solteiras etc., seja de questões rotineiras do universo feminino daquele tempo, como as relacionadas ao casamento, à maternidade, à moda, à liberdade sexual, ao dinheiro, entre outros. Nesse sentido, essas personagens femininas apresentam como característica em comum a busca pela cidadania, por serem reconhecidas como cidadãs e não limitadas aos papéis de esposa, mães e donas de casa.

1 *Nhonhô Rezende*, de Abel Juruá; *Flores modernas*, *Enervadas*, e *Mãe*, de Chrysanthème; *A isca*, de Julia Lopes de Almeida; *Impressões sertanejas através do feminismo*, de Augusta Franco.

Apesar de terem estilos distintos ao tratarem de elementos semelhantes em seus textos, essas escritoras estudavam, discutiam e, muito provavelmente, assim como suas personagens, vivenciavam os temas abordados em suas obras, ou pelo menos algo próximo a eles. Depreende-se, portanto, que a representação da vida da mulher moderna – a de ser e/ou falar sobre a mulher moderna e questões relacionadas a ela – fez parte do *habitus* da Leite Ribeiro, uma vez que os textos dessas autoras publicados pela Editora Livraria Leite Ribeiro têm esse elemento em comum. Sobre o conceito de *habitus*, vale destacar que Bourdieu (2005) explica que, assim como em outros campos, as relações são estabelecidas no *campo literário* a partir do uso de *capital* (cultural, político, econômico ou simbólico) associado ao *habitus* daquele campo, ou seja, associado a um conjunto de práticas sociais, como estilo de vida, gosto etc., construídas a partir de diversas variáveis.

Conforme o autor, o *campo literário* não é determinado como em um campo de poder de fato, apesar de ser relativamente autônomo, mas sim é uma das esferas predominantes do *campo cultural* ou *campo de produção cultural*, que, assim como outros campos, vai pouco a pouco construindo sua legitimidade intelectual ou artística. Para tanto, artistas ou, no caso, escritores e editores reconhecidos passam a tomar conta do espaço social no qual estão situados, enriquecendo o seu valor perante os outros agentes desse campo. Nesse sentido, há um espaço de relações de força entre esses agentes e as instituições que pertencem a esse grupo, cuja característica em comum é dispor de capital necessário para ocupar posições dominantes dentro dessa dinâmica, o que implica uma configuração de relações objetivas entre suas posições, de forma que essas determinem os agentes dominantes desse campo por um intervalo de tempo. Para avaliar tal cenário, é preciso considerar as características e a maneira por meio das quais esses agentes produzem, pretendem produzir ou se oponham a produzir a partir de seus recursos particulares, ou seja, a partir de seus capitais, seja o cultural, simbólico ou econômico (BOURDIEU, 2005).

Partindo de tais pressupostos, no sentido de fundamentar uma análise futura sobre obras de autoria feminina publicadas pela Editora Livraria Leite Ribeiro entre 1927 e 1929, este artigo, que é resultado parcial de uma pesquisa de doutorado em andamento, apresenta a trajetória da Editora Livraria Leite Ribeiro por meio de uma análise que tem como fundamento os conceitos de *campo literário*, *habitus* e *capital*, de Pierre Bourdieu, de forma que seja possível identificar em que circunstâncias as obras escritas por aquelas mulheres foram publicadas. Para tanto, foi realizado um levantamento sobre a história da Editora Leite Ribeiro cujas fontes de informação foram livros sobre a história do livro (HALLEWEL, 2017; CASTRO, 2019; BIGNOTTO, 2018; MARTINS, 2020) e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. É importante ressaltar que a busca feita na Hemeroteca procurava suprir lacunas deixadas pela história do livro, uma vez que não há informações suficientes sobre a Editora Leite Ribeiro até o momento.

2. Carlos Leite Ribeiro

Devido à pouca menção a informações biográficas sobre Leite Ribeiro na história do livro brasileiro, foi preciso mapear a trajetória do editor a par-

tir das informações coletadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Carlos Leite Ribeiro, além de militar, político e comerciante, foi fundador, editor e diretor da Livraria Leite Ribeiro. Nascido em 5 de abril de 1858, no Rio de Janeiro, expressava suas tendências republicanas desde a juventude, ao participar dos movimentos políticos da época, como, anos mais tarde, viria a participar da Confederação Abolicionista (CORONEL..., 1945; CONFEDERAÇÃO..., 1884), uma organização política criada em 1883 com a intenção de pressionar o governo brasileiro a acabar com a escravidão. Concomitantemente à implantação do regime republicano, atuou como delegado na 7ª Circunscrição Policial do Rio de Janeiro, de 1887 a 1890, e como diretor do Banco de Crédito Garantido, em 1892. Foi também a partir da década de 1880 que passou a ser conhecido como Coronel Leite Ribeiro, fazendo jus à patente de Tenente-Coronel que recebeu da Guarda Nacional (CORONEL..., 1945). Em 1900 era membro do Conselho Municipal (ESCOLA..., 1900) e Diretor da Caixa Geral das famílias (REQUERIMENTOS..., 1900); foi eleito duas vezes deputado federal (1900-1902 e 1905) e nomeado prefeito interino do Distrito Federal (1902) pelo então Presidente da República, Campos Sales. Deixou o segundo mandato de deputado federal para se juntar à Câmara Municipal, em 1906, na qual ocupou a presidência. Ao se despedir da carreira política em 19xx, tornou-se comerciante, dedicando-se a essa atividade até pouco tempo antes de sua morte, em 14 de fevereiro de 1945 (CORONEL..., 1945). Casou-se com Maria Silva Leite Ribeiro, em 1886, com quem teve dois filhos: Ruth Leite Ribeiro e Edgar Leite Ribeiro (CORONEL..., 1936).

Como consequência dessa trajetória de múltiplos cenários e das relações estabelecidas nesse período de tempo, Leite Ribeiro construiu uma boa e reconhecida reputação que lhe permitiu conquistar capital simbólico e capital econômico. Em 1890 ele comprou, por exemplo, uma estátua africana, na Expo Universal de Paris, que depois foi vendida à Confederação Abolicionista e oferecida, junto a uma pulseira de 40 gramas de ouro, ao Marechal Deodoro da Fonseca (VÁRIAS..., 1890). Em 21 de julho de 1910, Carlos Leite Ribeiro, presente nos círculos frequentados pela alta sociedade carioca, participou da *Garden Party* (GARDEN..., 1936) oferecida por Nilo Peçanha, então Presidente da República, aos homens do comércio e da indústria da capital nacional. Outro exemplo desse reconhecimento foi a promoção de um banquete em sua homenagem, em 1922, quando já era reconhecido como *editor* pela imprensa, e não mais tão comumente como *coronel*:

Os escriptores Pereira da Silva e Théo-Filho, directores do “Mundo Literario”, Agripino Grieco, secretario do mesmo, e um grupo de conhecidos homens de letras, estão promovendo um banquete, em honra do editor Carlos Leite Ribeiro. Achase na livraria Leite Ribeiro uma lista de adhesões, à disposição dos que desejarem participar dessa manifestação de arte e sympathia intelectual (NOTAS, 1922, n.p.).

Voltando a Bourdieu, é importante ressaltar que o capital simbólico está relacionado ao “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor reconhecimento” (BOURDIEU, 1987, p. 164). Desse modo, é possível compreender que Leite Ribeiro, que transitava em um mundo de elite, no qual fazia uso – e era objeto – da im-

prensa, ao deslocar-se do campo político ao campo literário, tornando-se editor e comerciante de livros, em 1917, já dispunha de capital simbólico necessário para lidar com as complexidades das relações entre os campos literário e econômico, visto que o contexto editorial já exigia essa relação, principalmente devido à maior autonomia adquirida pelo campo literário a partir do século XIX (BIGNOTTO, 2018). Dessa forma, o capital simbólico adquirido nas décadas anteriores fez com que o editor restabelecesse suas relações, agora também sob a perspectiva do campo literário. Condicionamento distinto, por exemplo, da trajetória de Monteiro Lobato, cuja formação do capital simbólico estruturou-se apoiado também nas suas atividades como autor.

Não era incomum que escritores publicados no começo do século XX fossem também advogados, médicos ou políticos, uma vez que a profissionalização do homem de letras ainda não havia se estabelecido. Partindo desse pressuposto, apesar de não ser escritor, o destaque de Carlos Leite Ribeiro na política brasileira estimulou o processo editorial da Livraria Leite Ribeiro, uma vez que, por meio do contexto político, seu capital simbólico já permitia uma troca entre o editor e alguns importantes escritores da época que também atuavam em outras esferas, como Carlos Veiga Lima, que era médico; Gustavo Barroso, advogado; Coelho Netto, também político, entre outros.

À vista disso, a grande distinção, por exemplo, entre os capitais simbólicos pelos dois editores mencionados – Leite Ribeiro e Lobato – é, justamente, o *habitus* a partir do qual esse capital foi constituído e aplicado, ao menos inicialmente. Isto é, enquanto Lobato o associava diretamente ao *habitus* do campo literário, por ser também escritor, Leite Ribeiro o fez, a princípio e principalmente, no campo político. Desse modo, foi a partir do capital simbólico adquirido no campo político que Leite Ribeiro começou a se estabelecer no cenário editorial nacional.

No que concerne à evolução dos papéis do editor e do escritor no mercado editorial do século XX, Cilza Bignotto (2018) explica que a profissionalização do homem de letras ultrapassou diversos obstáculos, que partiram, inclusive, da – antiga – polêmica sobre a distinção social entre a *literatura legítima* e a *literatura comercial*, herança do século XIX contida no *habitus* do contexto editorial de 1920. As observações da autora são relevantes para avaliarmos as escolhas editoriais de Leite Ribeiro. Antes de tratarmos delas, talvez convenha mencionarmos a ponderação da autora, segundo a qual os conceitos de circuito de comunicação, de Darton, e sistema literário, de Candido, são insuficientes para analisar as relações do mercado editorial brasileiro, uma vez que sugerem que os livros eram criados pelos seus autores, o que nem sempre acontecia, pois “[...] muitas vezes, escritores eram contratados por editores para produzir, anonimamente, determinados livros para públicos específicos” (*Idem*, p. 37) e “a originalidade, por sua vez, já se configurava como critério maior de orientação para os projetos estéticos daqueles que pretendiam fazer arte ‘legítima’, e não comercial” (*Idem*, p. 37).

Bignotto (2018) esclarece que, no processo de construção da autonomia do campo literário brasileiro, constituiu-se no século XIX o mecenato como prática vigente no Brasil imperial e que as diferentes percepções de valor

entre a “literatura legítima” e a “literatura comercial” seriam altamente influentes nas decisões editoriais do período, como a publicação das obras de determinados autores pelos mecenas. Porém, com o avanço das discussões que determinaram os direitos autorais e, conseqüentemente, o papel do editor no Brasil – de forma simultânea à formação de diferentes públicos leitores, devido ao progresso na porcentagem de brasileiros alfabetizados – tais conceitos foram ressignificados² e as editoras passaram a estipular de forma mais objetiva qual o “tipo” de literatura publicar, conforme os propósitos preestabelecidos e a legislação vigente. Assim, se por um lado a “literatura legítima”, considerada também por intelectuais do século XX como uma literatura de “alto valor”, ampliava o capital simbólico de determinado empreendimento editorial – apesar de, nesse momento, não trazer retorno financeiro aos seus autores; a “literatura comercial” tinha como principal finalidade o aumento de capital econômico, essencial em um contexto de ascensão literária, bem como de escritores e editoras.

Nesse sentido, a complexidade do campo literário tornou-se evidente, de modo que o capital simbólico e o capital econômico passaram a atuar de maneira concomitante, interferindo diretamente na construção da historiografia literária brasileira. No período em que a Livraria Leite Ribeiro teve Leite Ribeiro como diretor, muitos dos autores – entre os identificados até o presente – eram considerados importantes intelectuais da época e muitos dos que até então eram desconhecidos, viriam a ser notados nos anos seguintes. Desse modo, a propósito do fato de Leite Ribeiro ter um capital simbólico influente aos leitores da alta sociedade carioca e isso ser refletido nas suas escolhas editoriais, em carta datada de 31 de maio de 1919, a qual Humberto de Campos escreve a Monteiro Lobato, o diretor de *A maçã* reforça que:

[...] não quereria você editar, em edição barata e vendável, uma seleção das crônicas miúdas, do ano passado, do Conselheiro XX? Eu pretendia dá-las aqui ao nosso Leite Ribeiro, que adquiriu a *Poeira...* e editou a *Seara*; mas – **como você deve ter observado, – o Leite está se aguando muito, em edições que lhe saem caras, e já não me está agradando muito a companhia bibliográfica que ele me prepara. Eu tenho a vaidade de supor que o Conselheiro possui aqui algumas centenas de leitores ricos, – e é para isso mesmo, para falar à vaidade deles, que ele povoa as suas crônicas de nomes próprios...** O Corrêa Dias, o Raul, ou o J. Carlos, faria uma capa inteligente desse Vale de Josafá (onde comparecem os vivos e os mortos), e você publicaria a edição com os compromissos que quisesse, ou, mesmo, sem compromisso nenhum antes do resultado (CAMPOS, 1919, n.p., grifo nosso).

Pode-se assim compreender que com as publicações de obras de “literatura legítima” – “[...] em edições que lhe saem caras [...]” (CAMPOS, 1919, n.p.) – Leite Ribeiro buscava, de início, construir um catálogo que pudesse atrair um público selecionado para a livraria, como os intelectuais e políticos com quem já compartilhara o convívio no campo político. Porém, o editor também publicou e divulgou obras escritas por autores e

2 A ressignificação dos termos supracitados ocorre mais precisamente em razão da mudança, promovida entre os séculos XIX e XX, da concepção de autor de obras de “literatura legítima”, que passa de autor cujas obras são financiadas pelos mecenas ao autor que vive na boemia, de menor poder aquisitivo, e que compartilha seu sofrimento através da arte (BIGNOTTO, 2018).

autoras cujo capital simbólico e cultural ainda não haviam se estabelecido, possibilitando que essas obras fossem promovidas entre os diferentes tipos de público aos quais a Livraria Leite Ribeiro atendia. Sobre esse aspecto, nos limitaremos nesta pesquisa ao estudo das obras de autoria feminina publicadas pela livraria.

A atuação de Carlos Leite Ribeiro no cenário da política nacional contribuiu para instituir a Livraria Leite Ribeiro como uma das editoras e livrarias mais importantes de sua época, já que sua notabilidade fez com que o ponto de partida de tal empreendimento fosse o prestígio do comerciante naquela sociedade, oportunizando associações não apenas diante das possibilidades de publicação, mas também no que concerne ao aproveitamento do espaço da Livraria como ambiente de mediação cultural, fato que será explorado mais adiante. Sobre a atuação de Leite Ribeiro como editor, o *Jornal do Brasil* (1945) realça que “foi Leite Ribeiro um dos nossos maiores livreiros editores, havendo fundado a ‘Grande Livraria Leite Ribeiro’, que tantos serviços prestou ao desenvolvimento da cultura nacional e da qual veio a ser sucesso a atual Freitas Bastos” (CORONEL..., 1945, n.p.).

3. A Grande Livraria Leite Ribeiro

Na década de 1920, alguns anos após a inauguração do empreendimento, a atividade livreira do Rio de Janeiro somava cerca de quarenta livrarias que também funcionavam como editoras, tipografias, papelarias, entre outras atribuições (CASTRO, 2019). Segundo Hallewell (2017), desconsiderando os sebos, eram apenas dez livrarias que se destacavam no centro da cidade, grupo do qual sobressaía-se a *Livraria Leite Ribeiro & Maurillo* (*Idem*, p. 378), fundada em 1917 por Carlos Leite Ribeiro e Maurillo da Silva Quaresma. Enquanto esteve situada na Rua Santo Antonio, nº 13, a editora publicou obras literárias de diversos autores, dos quais destacam-se Humberto de Campos, Théo Filho e Coelho Netto, nas quais era referenciada como *Livraria Leite Ribeiro & Maurillo*, fazendo menção à sociedade.

Em 4 de junho de 1921, o jornal *O Paiz* comunicou o fim da sociedade entre Leite Ribeiro e Maurillo, informando seus leitores que houve uma “desinteligencia” entre os sócios, “já dissolvida”, na qual Maurillo Quaresma deixa a sociedade “pago e satisfeito” (LIVRARIA..., 1921). A publicação também menciona que a Livraria continuaria “sob a exclusiva direcção do coronel Leite Ribeiro, inteligente organizador da casa” (LIVRARIA, 1921). Uma semana antes, em 28 de maio de 1921, Carlos Leite Ribeiro comunicou, por meio de nota publicada no *O Jornal* e direcionada aos seus *amigos e à praça*, na qual explica o fim da sociedade e os planos futuros da Livraria:

Tendo o dr. Juiz da 3ª Vara Cível se dignado decretar, como lhe requeri, a liquidação da firma Leite Ribeiro & Maurillo, da qual, além de creador, fui sempre o único socio que á mesma forneceu moeda, quer como capital quer como supprimentos, declaro que a livraria Leite Ribeiro CONTINUARÁ A EXISTIR ainda com maior vigor, apenas sob outra firma já ajustada, em moldes muito mais amplos e aperfeiçoados, com o seu capital ALGUMAS VEZES MULTIPLICADO, enriquecida por novíssimo sortimento em grande parte já encommendado, enfim, apresentando aos seus amigos e clientes um estabelecimento modelar no genero, como em curtíssimo tempo será observado. O que vem de ocorrer com a firma de que fui creador não tem nenhuma importância para o caso, e antes abriu a porta a esse commettimento;

trata-se de uma liquidação de interesses que muito honestamente requerí que fosse feita judicialmente, e, apurados esses interesses, cada um tomará o seu rumo com o que for seu, absolutamente nada sofrendo quem tiver relações com a casa, nem mesmo os seus illustres clientes, pois a livraria Leite Ribeiro, repito – ficará de pé, em tudo aumentada, melhorada, enriquecida.

Rio, 28 de maio de 1921.

CARLOS LEITE RIBEIRO

(RIBEIRO, 1921, p. 6).

A leitura do comunicado escrito por Leite Ribeiro deixa claro ter havido um desentendimento entre os sócios, já que o editor faz questão de frisar que, além de criador, foi “sempre o único socio que á mesma forneceu moeda, quer como capital quer como supprimentos”, destacando, do ponto de vista dele, a pouca – ou nenhuma – contribuição de Maurillo. Ademais, Leite Ribeiro aposta e afirma que a livraria continuará a existir e, ainda, com capital multiplicado, a fim de tranquilizar quaisquer pessoas que tivessem algum tipo de relação com seu empreendimento. Contudo, é importante ressaltar que faltam documentos – cartas, contratos etc. – que permitam maior aprofundamento sobre os reais motivos que levaram ao fim tal sociedade, assim como maior esclarecimento sobre a biografia de Maurillo Quaresma.

No que concerne aos livros de autoria feminina, foram publicados durante a primeira sociedade da Livraria: *Nhonhô Rezende*, de Iracema Guimarães Vilela, sob o pseudônimo masculino de Abel Juruá; e *Flores Modernas e Enervadas*, de Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. A absoluta ausência de documentos a respeito das escritoras e obras mencionadas, e de outras ainda menos conhecidas, é um significativo obstáculo para a resposta a perguntas, como, por exemplo, quais foram as tiragens dessas obras; se as vendas obtiveram o sucesso esperado; quais eram os detalhes estabelecidos nos contratos editoriais entre a editora e as autoras; como foi o contato entre as escritoras e o editor, entre tantas outras.

Com o fim da sociedade entre Leite Ribeiro e Maurillo, a nova firma da livraria passou a contar apenas com Leite Ribeiro, até se converter em *Leite Ribeiro & Cia*, em referência à sociedade que foi estabelecida entre Carlos Leite Ribeiro e Antonio Teixeira da Boa Vista. Em 1º de novembro de 1921, alguns meses após o encerramento da primeira sociedade, a nova sede foi inaugurada na rua Bithencourt da Silva, antiga Santo Antonio, esquina com a Rua Treze de Maio. De acordo com Murilo Araújo (CHAVES, 1982), esse endereço correspondia também à redação do jornal *O Globo*, situada acima da nova sede da Leite Ribeiro, no qual a Livraria se consagrou como um ponto de encontro entre os literatos da época, no qual eram realizados diversos eventos e atividades. A Livraria agora era local de referência para a coleta de adesões a eventos sociais, principalmente os voltados à Medicina e ao Direito; para a compra de ingressos (teatros, recitais, etc.) e para as adesões a campanhas sociais. Isso a fez se destacar como um ambiente de mediação cultural, uma vez que promovia o acesso a essas atividades e também a debates, rodas de conversa e, de certa forma, ao corpo intelectual carioca da década de 1920, que frequentava esse local. Sobre esse aspecto, a representação literária do ambiente dessa livraria pode ser encontrada

em alguns relatos, como nesta crônica de 1922, escrita por Chrysanthème, a autora mais publicada por Leite Ribeiro e que mantinha uma coluna em *O Paiz*:

As luzes da avenida acendiam-se, uma dessas tardes, como sempre, a um só tempo, num jorro rápido de chamas claras, quando penetrei na livraria Leite Ribeiro, à hora do seu maior movimento. Em torno dos balcões, senhoras pediam livros aos empregados, solícitos e modernos, e, pelos cantos, literatos, em discussão, emitiam as suas ideias, percorrendo, com olhos distraídos, os volumes expostos. No fundo, curvado sobre a mesa entulhada de papeis, onde as suas dextas eram sempre em confusão, o coronel Leite Ribeiro, com o seu perfil de granadeiro francez, preside áquelle cenaculo de compradores e conversas. Um grupo, quase occulto num ângulo, interessou-me pelo seu aconchego, e, sinuosa e lenta, impulsionada por uma mansa onda de attracção, dirigi-me a ele, fingindo que não o via. Falavam alto, mas tão conjuntamente aquelles que eu não distinguia bem as phrases soltas com ardor, com eloquencia, talvez, com sinceridade. Seriam conspiradores? Seriam políticos? Seriam descontentes anarchistas? Parei à distância, mas um fim de soneto, pronunciado num tom doce de prece, chamou-me tão vivamente a attenção, que eu avancei, reconhecendo, então, o perfil redondo e macio de Goulart de Andrade, que recitava Anacreonte com a voz melodiosa e insinuante, que o tenha invencível quando declama um verso. [...] Raphael Pinheiro emmudecera e fitava nas estantes pejadadas de livros o seu olhar engajado de felino das selvas. Sorrindo e piscando sempre, Benjamin Costallat ostentava o seu rosto de adolescente irrequieto e robusto, que, nessa tarde, parecia empanado por uma vaga preocupação, que o impedia de apreciar como devia as palavras ardentemente sussurradas pelo poeta [...] Cheguei-me, como uma sombra, junto a esses três amigos, que num canto da luxuosa livraria, evocavam o grupo de conspiradores da mimosa opereta que é o Petit Duc. [...] Mas um rumor de automóveis attraiu-nos ás portas da nossa mais bella livraria! Corremos todos, compradores, conversas, literatos e jornalistas....A curiosidade, como a morte, domina e rege todos os homens e todas as mulheres (CHRYSANTHÈME, 1922, n.p.).

1922 foi um ano de expansão para o empreendimento de Carlos Leite Ribeiro. A mudança para a nova sede, ocorrida em novembro de 1921, proporcionou mais visibilidade para a livraria, seja pela localização privilegiada, já que se tratava de um prédio comercial no centro do Rio de Janeiro de 1920, seja por estar debaixo da redação do jornal *O Globo*, o que suscitava mais interações entre as pessoas que frequentavam o espaço. Esse progresso ocorreu também nas projeções editoriais, uma vez que o número de títulos de obras de ficção publicadas em 1922 pela editora é maior se comparado ao número de obras, desse mesmo gênero, publicadas nos outros anos da década de 1920. De acordo com dados do projeto *A prosa de ficção brasileira dos anos 1920: História literária e editorial*, cuja coordenadora é Milena Ribeiro Martins, a Editora Leite Ribeiro é a segunda maior editora em número de livros de prosa de ficção publicados nos anos 1920. Das 60 obras, identificadas a partir do projeto mencionado e de levantamento feito na Hemeroteca Digital, 12 livros de ficção e 2 de poemas publicados pela Leite Ribeiro são de autoria feminina, sendo que 42% desse conjunto, mais especificamente 6 dessas obras, foram publicadas em 1922.

Nesse cenário, a Livraria Leite Ribeiro era, como descrita por Chrysanthème (1922), a “luxuosa” e “mais bella livraria”, e seu papel na disseminação literária carioca – e nacional – destacava-a no contexto editorial brasileiro. Ainda que houvesse a sociedade com Antônio, Carlos Leite Ri-

beiro permanecia como diretor e editor e suas escolhas editoriais chamaram a atenção de Monteiro Lobato, na época à frente da *Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato*. O diálogo entre as duas editoras teve como consequência a divulgação mútua das obras de autores publicados por ambas as casas e uma série de notas de jornal anunciando a possibilidade de fusão entre elas. Chrysanthème, por exemplo, teve a obra *Gritos femininos* (1922) publicada por Lobato e distribuída no Rio de Janeiro pela Livraria Leite Ribeiro.

Apesar da grande expectativa, a fusão entre as editoras de Leite Ribeiro e Monteiro Lobato não se concretizou. Em 29 de dezembro de 1922, foi publicada uma carta direcionada ao público e também outra, similar, a qual os editores enviaram à Academia Brasileira de Letras, assinada por ambos, em resposta a um telegrama que tratava da possível fusão, enviado pela Academia, a qual se exprime em:

Acreditando que o nosso aparelhamento comercial e os nossos esforços pessoais, reunidos num só corpo, seriam mais proveitosos à produção, propaganda e intensificação na colocação do livro, sobretudo brasileiro, que editamos e vendemos, imaginamos, por iniciativa dos primeiros, uma fusão, e dos muitos incitamentos por nós recebidos, em prol da realização dessa ideia, nenhum valor comparável ao do telegrama que V. Ex. Recebemos. A impossibilidade, porém, afinal reconhecida dos primeiros deixarem São Paulo, aliás, o campo de ação que lhes é familiar, para transferirem-se para o Rio, como lhes foi exigido pelo segundo, tornou o projeto inviável, **pois ser-lhes-ia impossível conduzirem a contento duas casas, igualmente trabalhosas, dado o afastamento em que uma está da outra**; mas, com isso não perderão os autores nem as produções, pois embora continuemos juridicamente separados, a intimidade do contato ora havido nos fez tão ligados pela amizade e confiança recíprocas que seremos, futuramente, pelo acordo a que chegamos, como pelas de uma só máquina, na realização dos fins olhados por VV. EEX., em tudo consoantes com os nossos desejos. Saudações (LOBATO; RIBEIRO, 1922, n.p., grifo nosso).

A respeito da falta de documentos que aprofundem nosso conhecimento sobre o processo diante da possível fusão entre as duas casas, compreende-se desse trecho que a Livraria Leite Ribeiro exigiu que, para que o plano se concretizasse, Monteiro Lobato se mudasse para o Rio de Janeiro, capital nacional, onde seria a sede de uma rede de livrarias, deslumbrada por ambos os editores. Entretanto, Lobato não concordou com a gestão à distância da unidade que ficaria em São Paulo, então Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato e, como aparentemente não houve acordo sobre isso, a possibilidade de fusão foi descartada. Infelizmente, a falta de documentos não nos permite investigar mais a fundo os motivos dessa exigência, além de, por exemplo, constatar se essa imposição da Livraria Leite Ribeiro partiu de Carlos Leite Ribeiro, de Antonio Teixeira Boa Vista ou de ambos.

Sobre as obras de autoria feminina editadas durante 1922, com exceção da já mencionada *Enervadas*, que ainda indicava a primeira sociedade da editora, Leite Ribeiro & Maurillo, foram publicadas duas prosas de ficção: a segunda edição de *Contos Azues*, de Chrysanthème (TRÊS..., 2022); e *A isca*, de Júlia Lopes de Almeida, que viria a ser uma das obras escolhidas pela Biblioteca Nacional do Brasil para ser enviada a outros países como forma de intercâmbio cultural. Além dessas, a editora publicou *Nunca mais...*, obra de poemas de Cecília Meirelles, e foram encontradas menções a *O milagre das*

flores, de Júlia Lopes de Almeida, e *Lyrrios Agrestes*, obra de poemas de Francisca de Souto, sob o pseudônimo de Hermínia, as quais estariam no prelo (EDIÇÕES..., 1922). Sobre as duas últimas, não foram encontradas quaisquer outras menções a suas publicações. É provável, portanto, que essas obras não chegaram a ser publicadas.

Em 1923, de acordo com uma publicação de *A rua: Semanário Ilustrado (RJ)* (1923, p. 2), houve a inserção de Durval de Oliveira Maia no Quadro Social da Firma Carlos Leite Ribeiro, que já continha como sócios Carlos Leite Ribeiro, Antonio Teixeira Boa Vista e João Pereira da Silva Monteiro Junior. Não foi possível identificar as datas exatas das adesões de Antonio e João à sociedade, porém as informações até aqui encontradas nos são úteis para identificar sob qual quadro social as obras de autoria feminina editadas pela Leite Ribeiro foram publicadas. Desse modo, foi constatado que a editora pôde ser identificada, até este ponto, por meio de cinco razões sociais, que se relacionam diretamente aos integrantes de seu Quadro Social em determinado período, são elas: *Livraria Leite Ribeiro & Maurillo* (Carlos Leite Ribeiro e Maurillo da Silva Quaresma); *Livraria Leite Ribeiro* ou *A Grande Livraria Leite Ribeiro* (Carlos Leite Ribeiro); *Leite Ribeiro & Cia.* (Carlos Leite Ribeiro e Antonio Teixeira Boa Vista); e, por último, *Leite Ribeiro, Monteiro & Cia.* (Carlos Leite Ribeiro, Antonio Teixeira Boa Vista, João Pereira da Silva Monteiro Junior e Durval de Oliveira Maia).

Em 1º de dezembro do mesmo ano, 1923, houve a fusão entre a *Leite Ribeiro, Monteiro & Cia.* e a casa comercial *Corrêa, Bastos Ltda.*, quando são adicionados mais dois sócios ao quadro social da L.R.: José de Freitas Bastos e Oscar Corrêa Spicer. Isso fez com que a nova razão social passasse a ser *Freitas Bastos, Spicer & Cia.* Entretanto, como Leite Ribeiro continuou como um dos sócios, a seção de livraria e papelaria continuaria com a denominação de *Livraria Leite Ribeiro* (RIBEIRO, 1923). Os livros publicados a partir dessa fusão indicam-na como *Livraria Editora Leite Ribeiro, Freitas Bastos, Spicer & Cia.*

Em 1923 Chrysanthème publicou *Uma paixão e Uma estação em Petrópolis* pela Livraria Leite Ribeiro, assim mencionada nessas obras. Foi encontrada uma menção à obra de poemas *Nós dois...*, de Branca Maria de Vera Cruz (VIDA..., 1923). Durante o período em que Leite Ribeiro continuou como um dos sócios e à frente da Livraria, até 1927, foram publicadas mais três obras de prosa de ficção, nas quais em duas a editora é mencionada como *Livraria Leite Ribeiro*, mesmo que as razões sociais da editora tenham sofrido as modificações mencionadas, que são *Memórias de um patife aposentado e Mãe*, ambas de Chrysanthème. Esse fato nos faz compreender que, muito possivelmente, o contrato para essas publicações ocorreu em um período que antecede a mudança de razão social da editora. A última obra literária de prosa de ficção, publicada por Carlos Leite Ribeiro, foi *Impressões sertanejas através do feminismo*, de Augusta Franco, cuja menção à editora é *Livraria Editora Leite Ribeiro, Freitas Bastos, Spicer & Cia.* Não foram identificadas mais obras literárias de autoria feminina publicadas após 1925.

4. Conclusão

Este artigo se propôs a apresentar a trajetória da Editora Livraria Leite Ri-

beiro por meio de uma análise cujo fundamento foram os conceitos de *campo literário*, *habitus e capital*, de Pierre Bourdieu (1987), de forma que fosse possível identificar em que circunstâncias os livros escritos por Iracema Guimarães Vilela, sob o pseudônimo masculino de Abel Juruá; Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, sob o pseudônimo de Chrysanthème; Júlia Lopes de Almeida e Augusta Franco foram publicados.

À vista disso, entendo, primeiramente, que a trajetória editorial da Livraria Leite Ribeiro partiu do reconhecimento de Carlos Leite Ribeiro no campo político, obtido por meio das relações estabelecidas por ele no decorrer de sua carreira política, cujo capital simbólico foi usufruído pelo editor também no contexto do campo literário a partir de 1917. Nesse cenário, no qual a complexidade do campo literário já era evidente, devido à atuação concomitante do capital simbólico e do capital econômico, Carlos Leite Ribeiro passou a editar e publicar tanto as obras de autores e autoras já renomados quanto as de autores e autoras que ainda não tinham “reconhecimento suficiente para ter condição de impor reconhecimento” (BOURDIEU, 1987, p. 164), ou seja, não tinham capital simbólico adquirido. Como exemplo, podemos citar os textos de Júlia Lopes de Almeida e Cecília Meirelles, autoras já consagradas e cujas obras apresentaram divulgação massiva, em contrapartida das obras de autoria de Francisca de Souto, Branca Maria da Vera Cruz e Augusta Franco, escritoras não tão conhecidas, aparentemente, e cujas obras contaram com ínfima divulgação.

Nesse contexto, o reconhecimento da Livraria como um ambiente de mediação cultural foi determinante para que o empreendimento se estabelecesse e se mantivesse no campo literário como uma esfera predominante do campo de produção cultural, a fim de auxiliar a Livraria Leite Ribeiro a construir sua legitimidade no íntimo da relação de força entre essa e as outras instituições da época, como a Livraria Francisco Alves, a editora de Monteiro Lobato. Entretanto, há diversas razões sociais por quais a editora foi representada durante a década de 1920 revelando que, diferentemente do capital simbólico já adquirido, o capital econômico talvez não tenha sido suficiente para manter a tendência de publicações almejada por Carlos Leite Ribeiro.

Em suma, a descontinuação na publicação de obras de autoria feminina pela Livraria, depois da saída de Carlos Leite Ribeiro do Quadro Social da Editora, comprova que o interesse em publicar livros dessa natureza era de Carlos Leite Ribeiro, o que pode ser compreendido, ainda, como uma maneira de oposição a esse tipo de produção literária por parte da Livraria Freitas Bastos, como passou a ser denominada. Desse modo, o interesse da Editora Livraria Leite Ribeiro pela publicação de livros de autoria feminina, que se fundamenta no capital simbólico de Leite Ribeiro, pode ser considerado, por si só, uma característica moderna da Editora, já que a situa no campo literário do começo do século XX, constituído por novas referências artísticas e intelectuais, como os livros escritos por essas mulheres.

Referências

A PRAÇA. **Jornal do Commercio**, 1 de maio de 1923, p. 18. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_11/9132. Acesso em: 25 jul. 2022.

BIGNOTTO, Ci. **Figuras de autor, figuras de editor**: as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Unesp, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Choses dites**. Paris: Minuit, 1987

CAMPOS, Humberto de. **Carta a Monteiro Lobato, 31 de maio de 1919**. Acervo CEDAE/UNICAMP. 1919.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à Beira-Mar**: o Rio moderno dos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHAVES, E. M. Entrevistas relativas ao mundo literário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 24, p. 165-176, 1982. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69714>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CHRYSANTHÈME. A semana. **O Paiz**, 14 de maio de 1922, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/6273. Acesso em: 25 jul. 2022.

CONFEDERAÇÃO Abolicionista. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de março de 1884, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_02&pagfis=6699. Acesso em: 30 abr. 2022.

CORONEL Carlos Leite Ribeiro Maria Silva Leite Ribeiro. **Correio da Manhã**, 5 de fevereiro de 1936, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pagfis=32134. Acesso em: 30 abr. 2022.

CORONEL Leite Ribeiro: os funerais, ontem, do antigo político e prefeito do distrito federal. **O Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1945, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pagfis=31976. Acesso em: 30 abr. 2022.

EDIÇÕES da Grande Livraria Leite Ribeiro. **A Maçã**, 27 de maio de 1922, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/338109/387>. Acesso em 25 jul. 2022.

ESCOLA Quinze de Novembro. **O Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1900, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pagfis=9100. Acesso em: 30 abr. 2022.

GARDEN-PARTY. **O Paiz**, 21 de julho de 1910, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2714. Acesso em: 20 jul. 2022.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2017.

LIVRARIA Editora Leite Ribeiro. **A Rua**, 21 de abril de 1923, p. 2. Disponí-

vel em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236403/12093>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LIVRARIA Leite Ribeiro. **O Paiz**, 4 de junho de 1921, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_05/6089. Acesso em: 14 maio 2022.

LOBATO, Monteiro; RIBEIRO, Carlos Leite Ribeiro. **Carta dirigida à Academia Brasileira de Letras**. *Jornal do Comércio*, 29 de dezembro de 1922, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_11/45935. Acesso em: 25 jul. 2022.

MARTINS, Milena Ribeiro. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores / The Brazilian Book in the 1920's: Graphic Aspects and Writers' Performance. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 29, n. 1, p. 218, 2020. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15614. Acesso em: 04 out. 2021.

NOTAS Mundanas. *O Jornal*, 17 de outubro de 1922, p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/10482. Acesso em: 30 abr. 2022.

REQUERIMENTOS Despachados. **O Jornal do Brasil, Rio de Janeiro**, 15 de junho de 1900, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_02&pagfis=8530. Acesso em: 30 abr. 2022.

RIBEIRO, Carlos Leite et al. Ao público. *Jornal do Commercio*, 6 de dezembro de 1923, p. 21. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_11/13132. Acesso em: 25 jul. 2022.

RIBEIRO, Carlos Leite. Aos meus amigos e à praça. **O Jornal**, 29 de maio de 1921, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/6273. Acesso em: 25 jul. 2022.

TRÊS Livros Novos. **O Paiz**, 3 de abril de 1922, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pagfis=9215. Acesso em: 25 jul. 2022.

VÁRIAS Notícias. **Jornal do Commercio**, 18 de maio de 1890, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_08/898. Acesso em: 30 abr. 2022.

VIDA Literária. **O Jornal**, 18 de novembro de 1923, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/110523_02/14532. Acesso em: 25 jul. 2022.

VIDA Social: Garden Party. **O Paiz**, 21 de julho de 1910, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/178691_04/2714. Acesso em: 30 abr. 2022.